

CEDI - P. I. B.  
DATA 04, 06. 86  
COD PR D48

RELATÓRIO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANTROPOLOGIA)

XAMANISMO TUPI REVIS(I)TADO. TENTATIVA DE  
INTERPRETAÇÃO DE UM PONTO DE VISTA DO  
TRÁGICO.

WASHINGTON QUEIROZ

SALVADOR, AGOSTO DE 1984

## S U M Á R I O

INTRODUÇÃO .....	Página	01
I - ORIGEM E SITUAÇÃO ATUAL DO XAMANISMO ENTRE OS PARAKANÁ.....		02
1.1 - Origem.....		02
1.1.1 - O significado do sonho.....		02
1.1.2 - Transferência dos ensinamentos.....		03
1.2 - Situação atual.....		05
II - OS RITUAIS DE CURAS PARAKANÁ: TIPOS E CARACTERÍSTICAS.....		07
2.1 - Ritual realizado pelo(s) OPOROPITÁ.....		08
2.1.1 - Aspectos do ritual de cura realizado pelo OPOROPITÁ .....		08
2.1.2 - Aspectos da vida do OPOROPITÁ.....		10
2.2 - Rituais realizados por outros membros da aldeia.....		11
CONCLUSÃO.....		13
ANEXO.....		

## I N T R O D U Ç Ã O

Algumas breves palavras sobre a origem e situação atual do xamanismo entre os PARAKANĀ bem como os tipos e características dos seus rituais de curas é o que fundamentalmente, será objeto desse relatório. À parte anexaremos algumas notas e mapas que poderão ser úteis a este órgão.<sup>1</sup>

Considerou-se substantivo aqui, num primeiro relatório, não de imediato buscar-se respostas às inquietações colocadas no projeto. Entretanto, e mais importante: acercar-se paulatinamente do objeto da pesquisa, a saber: o estudo do trágico nos rituais de curas dos índios TUPY do Brasil. Assim, baseado nos dados colhidos a partir da observação participante e de algumas entrevistas realizadas nos quarenta e quatro dias dessa primeira estadia no meio dos PARAKANĀ, é que espera-se dar-se alguns elementos iniciais concernentes à origem, situação atual, e características do xamanismo desse grupo indígena. Elementos esses que somados a outros advindos da continuidade dessa pesquisa constituirão o balizamento para o equacionamento das questões levantadas no projeto.

---

<sup>1</sup>Que enviaremos a posteriori caso haja interesse.

# I - ORIGEM E SITUAÇÃO ATUAL DO XAMANISMO ENTRE OS PARAKANÃ

## 1.1 - Origem

Segundo ARAKITÃ<sup>2</sup>, um dos homens mais velhos da aldeia, quem "tratava, há muito, muito tempo atrás"<sup>3</sup>, era MOROPITOÃ - a mulher do chefe PARAKANÃ.

Isso significa que era mulher e não homem quem detinha os mais fortes poderes de processar a cura no grupo. Era ela quem melhor fazia a cura e também a responsável pela passagem desses conhecimentos para as mulheres quanto para os OPOPITÃ.

### 1.1.1 - O significado do sonho

É através do sonho que se chega a ser um OPOPITÃ. E qualquer índio pode chegar a ser. Para tanto é necessário que sonhe. Então, a partir do sonho, é que descobre, se vê e aprende-se como tratar as doenças, bem como a saber o que é bom para fazer remédios.

Esse sonhar é constante, ou seja, o OPOPITÃ para tratar (curar) deve sonhar todo dia. Segundo um dos

---

<sup>2</sup>Os nomes dos índios e as idades (aproximadas) nesse relatório, foram retiradas de uma ficha encontrada na farmácia do P.I.

Em anexo apresentamos uma lista de algumas outras palavras do vocabulário tupi que utilizamos. A transcrição fonética, indireta, adaptada às possibilidades tipográficas foi realizada pelo Dr. Pedro Agostinho, a quem agradecemos.

<sup>3</sup>A tal ponto que não sabem quem era o pai ou a mãe da mesma.

informantes, quando isso deixa de acontecer é porque ele não está mais querendo fazer cura. Também informou que são quem sonha todo dia pra tratar gente é o OPOROPITÁ, e quando são sonha uma vez não é considerado curador.

### 1.1.2 - Transferência dos ensinamentos

Como vimos é através do sonhar que se chega a ser OPOROPITÁ. Entretanto, para se chegar a isso é preciso que um OPOROPITÁ ensine àquele que sonhou, como o mesmo deve proceder para realizar a cura. Mas isso ainda não é suficiente. Ao sonhar e aos ensinamentos deve estar aliado a prática do curar. Nas palavras do índio MUTIAPEWA: "Ele [o OPOROPITÁ] fala assim. Na hora que gente doente - quando sonhar - aí tem que passar logo chupando para tirar sangue. Na hora que gente doente aí tu chupa. Aí tira tudinho o sangue. Na hora que tu não faz aí tu não aprende nunca. Falou assim"

Ainda com relação à passagem dos ensinamentos considere-se dois aspectos. O primeiro é relativo a faixa de idade considerada apta para receber os mesmos. Segundo, e isso talvez justifique o primeiro aspecto, é o quanto isso constitui segredo.

Dos três índios com uma idade aproximada de trinta anos que foram entrevistados, todos afirmaram várias vezes, quando questionados sobre o assunto, que não sabiam ainda; que ainda ninguém tinha contado para eles; que ainda eram meninos, etc.

Um índio com cerca de 38 anos, já avô, pode ser considerado menino entre os PARAKANÁ e portanto, não apto para receber esses ensinamentos.

Relativo ao aspecto segredado da atividade xamânica,

além do exposto acima, outras informações devem ser consideradas. Uma delas é a de que o OPOROPITÁ não pode dizer como tira a doença, o que faz, etc. E quando assim procede perde o poder de curar. O que de certa forma se contradiz com sua - dos PARAKANÁ - prática de ensinamento existente, colocada anteriormente.

Ainda sobre isso, considera-se, as colocações feitas pelos dois OPOROPITÁ da aldeia PARAKANÁ: HONHEN e PICAWA. Ambos perguntados se sabiam tratar, responderam: não saber mais ou ter esquecido.

Vejamos:

HONHEN: "Há muito tempo que sei cura, agora não tem jeito. Acabou". [Se refere a ter ficado doente, etc.]

PICAWA: "Eu esqueci. Eu conto tempo que trato outro. Outro tempo. Quando brabo trata muito pessoal".

"Eu não sei mais, não sei mais. Esqueci tudo. Agora não sabe mais. Acabou.

"Primeiro trata pessoa lá no Lontra (antigo aldeamento), agora acabou". [Essa afirmação contradiz a primeira já que foram para o aldeamento próximo ao Ig. Lontra, depois do contato].

Com base na informação desses dois índios e de outros cinco que foram entrevistados, são diversas e contraditórias as razões colocadas na tentativa de justificar esse "esquecimento" ou "não saber".

Uns dizem, como os dois OPOROPITÁ, que esqueceram. Outros falam ser pelo fato deles dois - os OPOROPITÁ -

terem adoecido depois do contato. E, sendo a doença incompatível com esse papel - o de curador -, eles não sabem mais curar. Ou então dizem: "Meu tio [se referindo ao PICAWA] é bom tratar. Agora passou. Há muitos anos não faz mais. Está velho. Não tem mais força não."

Ora, considerando a faixa etária a que se confia os ensinamentos e considerando que o PICAWA tem aproximadamente 46 anos, será que ele realmente estaria velho ?

## 1.2. - Situação atual

Durante os 44 dias desse primeiro período de observação não presenciamos nenhum ritual com a participação de um dos dois OPOROPITÃ da aldeia. Os rituais presenciados, em número de quatro, não tinham suas presenças. Mas desses falaremos mais adiante no item II.

Apesar de não termos vistos nenhum ritual de cura onde um deles estivesse presente, não se pode negar alguns indícios de que tenham havidos. A presença de cacos de panelas contendo brasas e fragmentos de folhas espalhados no chão sob a rede de um índio que se encontrava com uma forte febre - provavelmente proveniente de malária - não deve ser desprezado.

No que diz respeito aos dados coletados nas entrevistas, na sua totalidade, a atividade xamânica do OPOROPITÃ é colocada como não mais existente entre eles.

Nas conversas mantidas com eles sempre que podiam frizavam estarem falando de uma época passada, antecedente ao contato com a civilização.

No entanto, em conversa mantida sobre este assunto com um dos funcionários da FUNAI, o mesmo chegou a contar-nos que já tinha visto um desses rituais. Não chegou a se aproximar, disse ele, mas que inclusive o índio fumava bastante e que andava num vai e vem em direção ao doente e à



floresta jogando a fumaça. Disse-nos também que o mesmo falava algo.

Uma outra situação, essa presenciada durante esse trabalho, constitui-se em mais um fato para se pensar a situação atual do xamanismo PARAKANĀ.

Uma pequena criança, idade aproximada de 6 meses, filha de NATARADJU e TEÍÁ, que aliás morrera quando da sua saída da aldeia no dia 14/05/84, passava muito mal. Quando um dos OPOROPITĀ - o HONHEN - foi inquerido sobre se não iria curar sua neta, sua resposta foi de que estava com vergonha.

Como se verá adiante os tipos de enfermidades que são tratadas pelos OPOROPITĀ são basicamente: picadas de serpentes, aranhas e insetos peçonhentos de modo geral; furada de arraia (Narcine Brasiliensis (Ólfus), provavelmente); acidentes, como flexadas. Além da febre proveniente da malária.

Pelo menos são essas as informações colhidas nesta fase inicial do presente trabalho.

Mas esses índios PARAKANĀ, também são alvos daquilo que eles chamam "doenças de TORI". Assim é que durante essa primeira estadia podemos observar as seguintes doenças.

Logo na chegada observamos um dos índios velhos - NATURADJÚ - acamado. Estava com um princípio de pneumonia. Vimos também alguns índios com conjuntivite. Além do que eles, em sua grande maioria, estavam gripados. Gripe essa que se transformou numa bronquite que assolou toda a aldeia.<sup>4</sup> Isso sem se falar em uma índia (TARAJUMA) que estava com asma, e dois outros que estavam se tratando fora da aldeia. Um deles, uma criança, filha de WIRAPIITĀ, que desconheço sua enfermidade. Outro, o TUKUMANKWERA, um dos homens velhos da aldeia, que estava em Belém se tratando de uma malária.

<sup>4</sup> Sobre esta cheguei a passar um rádio para Marabá, informando ao chefe de Ajudância, que não se tratava de uma simples gripe. E era preciso a presença de um médico.

Além dele, três outros índios se encontravam com malária quando chegamos. Esse número subiu para sete quando da nossa saída. Sendo que TUKUMANKWERA e a pequena filha do NATARADJÚ, a que inclusive já nos referimos, morreram.

Assim sendo, exceto a malária, como as outras doenças são desconhecidas desse povo indígena e sendo as mais frequentes e numerosas (são contagiosas), constituem uma séria ameaça à atividade xamânica, já que:

- a) Os mesmos não dominam as técnicas curativas das mesmas e suas tentativas são vãs. Isso leva a desânimo;
- b) Como elas - as doenças de origem civilizadas - acontecem em grande quantidade em relação àquelas por eles consideradas conhecidas, há uma dependência cada vez maior da farmácia do P.I.;
- c) A medida que percebem a "maior eficácia" dos medicamentos ministrados pela farmácia para essas enfermidades que eles não conseguem curar, vão deixando de praticar tal atividade;
- d) Com isso há o risco de passarem a se utilizar da farmácia inclusive para combater aqueles males tradicionalmente curados pelo(s) OPOROPITÃ da aldeia.

## II - OS RITUAIS DE CURAS PARAKANÃ: TIPOS E CARACTERÍSTICAS.

São de dois tipos: um deles é realizado por um ou mais OPOROPITÃ da aldeia; um outro é realizado, indistintamente, por qualquer membro da aldeia, independente de idade e sexo. Além do que apresentam características distintas.

## 2.1 - Ritual realizado pelo(s) OPOROPITÁ:

O ritual de cura feito pelo OPOROPITÁ é realizado fazendo sucção e fumando grandes cigarros<sup>5</sup> etc., e só ele mesmo pode fazer.

### 2.1.1 - Aspectos do ritual de cura realizado pelo OPOROPITÁ.

Serve de cenário a esses rituais ou a própria casa do doente ou a floresta. Mas ainda não sabemos o que é que determina essa escolha. Sabemos apenas que quando um índio é picado na floresta ele é tratado ali mesmo. Ou, quando fica doente na aldeia, ele pode ser tratado em sua própria rede. Isso geralmente à noite, após as crianças dormirem.

Segundo eles o ritual deve ser assistido por apenas três ou cinco pessoas e que é restrito a homens, apenas.

Observamos aqui que os homens que foram citados como já tendo assistido algum desses rituais têm idade média acima de 38 anos.

Com respeito a duração desses rituais, fica na dependência da necessidade. Assim podem durar alguns minutos ou se estender por uma noite ou mais até o doente ficar bom. Nesses casos fazem revezamento: enquanto um dorme o outro trabalha.

---

<sup>5</sup> São cigarros que medem cerca de 50 cm ou mais e têm um diâmetro de mais ou menos 8 a 10 cms. São feitos com folhas de tabaco. Inicialmente são postas no fogo (para perder água), enrolados e amarrados aos molhos. Depois, esses molhos são colocados sobre a quentura do fogo para secar. Só depois de todo esse processo é que são confeccionados os PETUMA'AWA, como são chamados entre eles.

Quando perguntado o que é que tiravam dos doentes, quando faziam a cura, tanto os dois OPOROPITÃ quanto outros três informantes disseram que eles tiravam, a dor, a doença, o sangue, sangue-preto, veneno. Entretanto um outro informante, o GUARIRÃ, preferiu dizer que não podiam dizer na da. E aqueles que assim fazem "perde". A esse informante na ocasião dissemos que em outras tribos o OPOROPITÃ mostra va o que tirava de dentro do doente, ao que ele retrucou: "Se mostrar acaba".

Além do cigarro usado durante os rituais e das folhas, de que mais adiante falaremos, fomos informado que o OPOROPITÃ fala, canta, dança e faz sucção. Segundo eles é através do fumar<sup>6</sup> que se "vê o doente" a doença e que se fuma muito "até ficar doente da cabeça". E que a doença do enfermo se mistura com a fumaça.

Apesar da importância dada ao fumar, a cura pode se dar sem o cigarro quando, por exemplo, se está na floresta. Durante o ritual só o OPOROPITÃ fala. Essa falação é dirigida àquilo que segundo ele está fazendo ou causou a doença. Por exemplo, o índio MUTIAPEWA fôra curado por seu tio, um OPOROPITÃ - o PICAWA, que assim discursara se dirigindo a ar raia que o furou:

"Tu vai furar meu sobrinho eu vou tratar meu sobri nho. E tu não é matador não. Eu tiro tudinho veneno. Vene no é tu. Tudinho veneno. Não fica nenhum lâ dentro".

Existem também músicas cantadas durante os rituais, mas só pelo OPOROPITÃ. E essas são específicas para cada si tuação. Quando se cura por picada de cobra ai se canta a música da cobra: "bicho fria, por que a cobra é fria". Quan do é febre, ai se canta a música da pedra. Para eles, o can tar faz o doente ficar alegre, "aí passa". Ainda, costumam dançar quando em situações graves. Mas dizem também que "quando é malária forte não dançam não".

---

<sup>6</sup>Veja-se que também dizem ser através do sonho.

O morder aliado à sucção é muito usado e pode ser feito em qualquer parte do corpo sendo julgado de grande importância. Entretanto, nunca devem engolir aquilo que sugam, sob pena de ficarem também, doentes.

### 2.1.2 - Aspectos da vida do OPOROPITÁ.

Na sua relação com o sobrenatural poucos são os dados que podemos colher.

Apenas um dos imfortantes chegou a nos dizer que MAÍRA era seu Deus.

Relativo à questão da força do OPOROPITÁ os dados são bastantes contraditórios.

No que diz respeito a concepção da vida além da matéria, reconhecem a existência do espírito como algo que sai do corpo quando este morre. E, na sua relação com os mesmos dizem que estes, quando uma pessoa morre, vão para o mato, para a aldeia velha e depois voltam.

O relacionamento interaldeias no que diz respeito as atividades dos seus OPOROPITÁ é bastante resguardado e sigiloso. Isto devido ao fato de que, por exemplo, se um OPOROPITÁ da aldeia de MARUDJEVARÁ "roubar a sombra" (o espírito) de um índio da aldeia PARANATI e ficar sabendo quem o curou, ele - o OPOROPITÁ de MARUDJEVARÁ - roubará o espírito do OPOROPITÁ que fez aquela cura, e tirará todo o seu poder. Por isso nunca falam, quando recebem visita de índios das outras aldeias PARAKANÁ que procuram saber sobre o assunto.

Se não observamos e nem conseguimos informações acerca de privilégios gozado pelos dois OPOROPITÁ da aldeia, ficamos sabendo de algumas restrições. Apesar de estarem sempre alertando que isso era antes do contato; que hoje não existe mais. Uma dessas restrições diz respeito à alimentação.

Primeiramente não lhes é permitido comer ou beber muito.

Antes e durante os rituais não podem comer, nem beber água. Só fumam.

Além disso caso venham a comer banana, bicho gordo, ovo de jabuti, fígado de jabuti gordo e anta gorda; tomar mingau e beber mel, deixam de ser OPOROPITÁ.

A segunda restrição diz respeito a não poder<sup>em</sup> adoecer. Sendo que se isso chega a acontecer eles também perde<sup>m</sup> seus poderes e afasta-se desses seu papéis.

Uma última é concernente ao fato do OPOROPITÁ não poder "colocar doença" em índios da sua aldeia. Caso isso aconteça e descubrem lhe custa a vida.

## 2.2 - Rituais realizados por outros membros da aldeia.

Ao contrário do ritual onde se faz uso do cigarro etc., esses podem ser realizados por qualquer membro da aldeia, independente de sexo e idade. Aqui o material utilizado são folhas e a entrecasca (cortex) do Castanheiro-do-Pará. Sendo que algumas folhas só podem ser trabalhadas pelas mulheres<sup>8</sup> e outras só pelos homens.

Geralmente esses rituais acontecem na própria floresta, nos arredores da aldeia, onde se encontra a folha a ser usada para cada ocasião. Entretanto podem ser realizados dentro da casa do próprio doente quando este não pode sair.

---

<sup>7</sup> Refere-se às larvas do mamão-do-mato e do coco-de-babaçu.

<sup>8</sup> A divisão social desse trabalho é radicalmente assumida por ambos os sexos na aldeia. Isso, como é natural, prejudicou um pouco o trabalho dado que nosso intérprete era homem. Eles se negaram a dar informações a respeito das mulheres ou entrevistá-las dizendo, sempre que solicitados, "que mulher sabia". Assim, é que, relativo às folhas utilizadas pelas mulheres nos rituais, só conseguimos a denominação de uma. Foi praticamente impossível obter essas informações.

As folhas utilizadas são: MOWITI, para febre; JAWAKAWA, para toda doença; JANIABÁ; KARIMNDJU; IRAPEROWA; KAAJIRIWA, OWUTING e IPIRAPÉWIYABÁ. Sendo que exceto a última, usada só pelas mulheres para curar dores abaixo das costelas do lado esquerdo, as outras são de uso exclusivo do sexo masculino.

Até nosso último dia na aldeia solicitamos amostras das mesmas. Apesar das promessas não conseguimos as amostras.

O ritual com o uso dessas folhas é realizado machucando-as nas mãos, passando-as no local onde está doente e, em seguida, atirando-as longe. Isso, segundo eles, "para levar o fraco". Esse processo é repetido, ininterruptamente ou não, várias vezes, usando-se em cada vez folhas novas, até se conseguir a cura.

O ritual onde é utilizado a entrecasca do (Castanheiro-do-Pará), uma espécie de fibra chamada pelos índios de UPUÂNON, pode ser feito tanto pelo homem quanto mulher ou criança<sup>9</sup>. Chegamos a presenciar quatro desses rituais durante a nossa estadia. Aliás, o único tipo que presenciamos e participamos<sup>10</sup> da sua realização.

Tal ritual é realizado nos arredores da aldeia, perto de local onde tenha água a consiste no seguinte:

Depois de já ter conseguido a fibra que será usada no ritual, os índios se dirigem para os arredores da aldeia. Pode ser apenas o homem e a mulher; o homem a mulher e filhos; o homem com os filhos do homem e a filha da irmã do homem ou ainda o homem e a mulher, acompanhados da mulher do filho do irmão do homem. Depois de indicar onde vai ser o local, o doente procede a limpeza com as próprias mãos, tirando toda a camada de húmus do local. Enquanto isso a pessoa que fará a cura providencia encher com água uma panela.

<sup>9</sup>A única criança que presenciamos realizando um desses rituais era do sexo feminino.

<sup>10</sup>Em um deles uma índia nos solicitou para limpar com as mãos o local onde se dá a cura.



A fibra é imersa várias vezes na água e, torcida, vai deixando esta amarela. Em seguida a mesma fibra é imersa nessa mesma água e vai sendo espremida na região onde está doente.

O local onde esse líquido é espremido varia de acordo com a doença. Podendo ser na lateral dos maxilares, quando para curar dor de dente; na nuca, q u a n d o para curar febre ou na cabeça para tirar tosse e dor de cabeça.

O enfermo fica de côcoras ou apoiado nos quatro membros (a mulher).

Nos rituais presenciados isso foi feito pela mulher do homem; pelo homem no filho; pela filha da irmã do homem que se tratava; ou ainda, pela mulher do irmão do homem na mulher do filho do irmão do homem.

Depois de espremer-se sobre esses locais todo o conteúdo do vasilhame, a atenção de todos volta-se para aquela parte do chão, anteriormente limpa, onde o líquido caiu. Ai observam e apontam anelídios de 2 a 3 cms que se movimentam sobre a água empoçada, dizendo ser<sup>em</sup> os causadores da doença.

Em seguida a essa observação, troca-se a fibra, muda-se de local ou não e o processo se repete por mais duas ou três vezes. Isso até diminuir a quantidade dos pequenos animais que aparecem. O que realmente acontece.

## CONCLUSÃO

Como já dissemos nosso objetivo nessa primeira etapa da pesquisa é colher informações relativas à atividade xamânica nesse grupo. Só então poderemos, realmente, penetrar na discussão do aspecto trágico que seus rituais possam ter.

Assim, à guisa de conclusão, levantamos aqui alguns aspectos relativos a essa fase do trabalho.



O grande número de informações desencontradas e por vezes contraditórias que podemos perceber, a que inclusive chamamos atenção no texto, nos despertou para uma série de questões. Aqui arrolaremos algumas.

- A primeira e fundamental é a de que, segundo eles, a atividade xamânica é incompatível com a doença e assim sendo não mais existe entre eles, dado que todos os OPOROPITÁ já adoeceram.

- Uma outra e que está ligada a essa primeira é a de que eles, com isso, se enfraqueceram e não se lembram mais etc.

- Como também vimos o xamanismo entre os PARAKANÁ é uma atividade do domínio apenas de alguns homens velhos, uma espécie de conselho, e que é preciso "deixar de ser menino" para se ter acesso.

Na relação entre esses PARAKANÁ com os outros - de outras aldeias - eles guardam sigilo. Assim não informam, àqueles PARAKANÁ que eventualmente lhes fazem visita, a respeito daqueles que entre eles fazem as curas.

Assim sendo estamos nos perguntando se as suas justificativas e explicações no sentido de negar a existência da atividade xamânica após o contato, não seria uma forma de defesa; da manutenção do seu aspecto sigiloso ?

Ora, se entre eles é preciso se ter uma determinada idade, ser membro da mesma aldeia e ainda outros atributos como sonhar para ser considerado apto para receber tais informações, seria injustificável que pudéssemos em tão curto tempo dispor dessas informações.

Daí por que estamos concluindo que essas informações que justificariam a inexistência da atividade xamânica atualmente, se dão em função de resguardá-la daqueles que não fazem parte do seu grupo social e que não são portadores dos atributos considerados imprescindíveis por eles.

Isso é reforçado por algumas informações como por exemplo aquela de estar com vergonha de fazer a cura, como nos foi dito por um OPOROPITÁ. Ou também, pelo fato de não termos conseguido, apesar da insistência, as folhas utilizadas em alguns desses rituais.

É natural, portanto, para se chegar a ter essas informações (verdadeiros segredos), que se angarie uma grande confiança do grupo. O que portanto, estamos convicto, é preciso um tempo de convívio com eles de pelo menos um ano.

Entretanto, esse primeiro contato já trouxe-nos algumas informações significativas em tal estudo. A origem do xamanismo entre esses PARAKANÁ como sendo ligada ao sexo feminino e a característica de que determinados rituais de curas são de competência exclusiva dos OPOROPITÁ e de que outros podem ser realizados por outros membros da aldeia, homens, mulheres ou crianças, merecem que detenhamo-nos mais sobre eles para uma melhor compreensão do xamanismo PARAKANÁ.

Isso se justifica também em relação a existência de restrições quanto ao uso do PETUMA'AWA e determinadas folhas nesses rituais. São aos OPOROPITÁ compete se utilizar do PETUMA'AWA durante os rituais, assim como também o uso das folhas: umas de uso exclusivo das mulheres e outras só usadas pelos homens.

Esses pontos levantados, considerando o muito breve tempo de nossa estadia, julgamos significativos como primeiros passos dessa pesquisa.

Não podemos deixar de mencionar que durante quase todo esse período esses índios estiveram doentes<sup>11</sup> - gripe, tosse, conjuntivite, asma; que aconteceram duas mortes e que isso, naturalmente, os retraia deixando de reunirem-se e às vezes de caçar, dizendo estarem tristes etc.

---

<sup>11</sup> Inclusive o índio que nos deu uma grande ajuda como intérprete também adoecera.

Por último salientamos a importância de buscar-se informações junto às mulheres, já que estas também realizam e participam de alguns desses rituais de curas.

Como os homens da aldeia se negaram a dar informações relativas à participação das mesmas, dizendo simplesmente "mulher sabe" e, nosso intérprete, não se dispunha a conversar estamos pensando em uma possível solução para o próximo período de campo.

A N E X O

PARAKANĀ: PALAVRAS AVULSAS

Transcrição fonética indireta

- |    |                             |   |
|----|-----------------------------|---|
| 1  | [MOROPITOΛ]                 | - mulher que ensina a arte de curar.                              |
| 2  | [MOROWI 'RUΛ]               | - variante de 1   |
| 3  | [OPOROPI 'TĀ]               | - xamã*   |
| 4  | [IPIRAPEIYA'BA]             | - uma folha usada nos rituais apenas pelas mulheres               |
| 5  | [TO'RI]                     | - nome dado aos homens brancos                                    |
| 6  | [PETOMA' A'WA]              | - cigarro da roda dos fumantes (dúvida quanto a oclusiva glotal?) |
| 7  | [MARUD <sup>y</sup> EVA'RA] | - localidade de uma aldeia  |
| 8  | [MOW <sup>i</sup> TI]       | - uma folha (dúvida: [ĩ] ou [in] final?)                          |
| 9  | [ŽANITA'BA]                 | - folha usada nos rituais   |
| 10 | [ŽAWAKAW'A]                 | - folha " " "   |
| 11 | [KARIMN <sup>z</sup> 'DZU]  | - folha " " "   |
| 12 | [IRAPERO'WA]                | - folha " " "   |
| 13 | [KAAŽIRI'WA]                | - folha " " "   |
| 14 | [OWU'TIŋ]                   | - folha " " "   |
| 15 | [UPUANON]                   | - fibra esponjosa do cortex do Castanheiro-do-Pará                |

Descrição dos sinais fonéticos usados na amostra      transcrição sugerida

Consoantes:

p - oclusiva bilabial surda	p
t - oclusiva alveolar "	t
k - " velar "	k
ʔ - " glotal "	ʔ
b - " bilabial sonora	b
d - africada alveolar sonora	d
m - nasal bilabial sonora	m
n - nasal alveolar sonora	n
ŋ - nasal velar sonora	ŋ
ʃ - fricativa palatal sonora	ʃ
r - "flap" alveolar sonora	r
v - fricativa labio-dental sonora branda	v

Vogais:

i - alta anterior fechada, não arredondada	i
ɨ - " central fechada, "	ɨ
u - " posterior fechada, arredondada	u
e - média anterior fechada, não arredondada	e
ɐ - baixa central fechada, não arredondada	ɐ
o - média posterior fechada, arredondada	o
ɛ - média anterior aberta, não arredondada	ɛ
a - baixa central aberta, não arredondada	a

Semivogais (parecem funcionar como semiconsoantes):

w - alta posterior fechada, arredondada	w
y - alta anterior fechada, não arredondada	y

Sinais diacríticos:

̃ - nasalização

Acento de intensidade:

Recai sempre na última sílaba, na amostra. Provavelmente não é fonemicamente relevante e não deve ser indicado na transcrição fonética adaptada.

## Transcrição:

Fonética, indireta, adaptada às possibilidades tipográficas, referente apenas aos fones que constam nas palavras usadas no texto.

## Palavras transcritas:

1. MOROPITOÃ
2. MOROWIRUÃ
3. OPOROPITÃ
4. IPIRAPÉWIYABÃ
5. TORI
6. PETUMA'AWA
7. MARUDJÉVARÃ
8. MOWITI
9. JÂNIIABÃ
10. JAWAKAWA
11. KARIMNDJU
12. IRAPEROWA
13. KAAJIRIWA
14. OWUTING
15. UPUÃNON

\*Não temos referência da utilização desse termo para designar o xamã, feitiçeiro etc., em nenhum grupo Tupi. Em seu artigo: "Implicações de alguns conceitos utilizados no estudo de Religião e de Magia de tribos brasileiras" publicado na série ensaios, vol. IV do Museu Paulista, Renate B. Viertel (1981) faz um balanço razoável dos termos usados em algumas tribos de língua Tupi e não chega a fazer referência à utilização do termo OPOROPITÃ. Considerando que esse estudo é o que conhecemos de mais amplo referente ao tema, talvez estejamos diante de um termo desconhecido dos estudos de Religião e Magia da literatura antropológica. Entre os PARAKANÃ o termo OPOROPITÃ é utilizado somente para designar aquele que processa a cura e faz uso do cigarro usado nesses rituais.